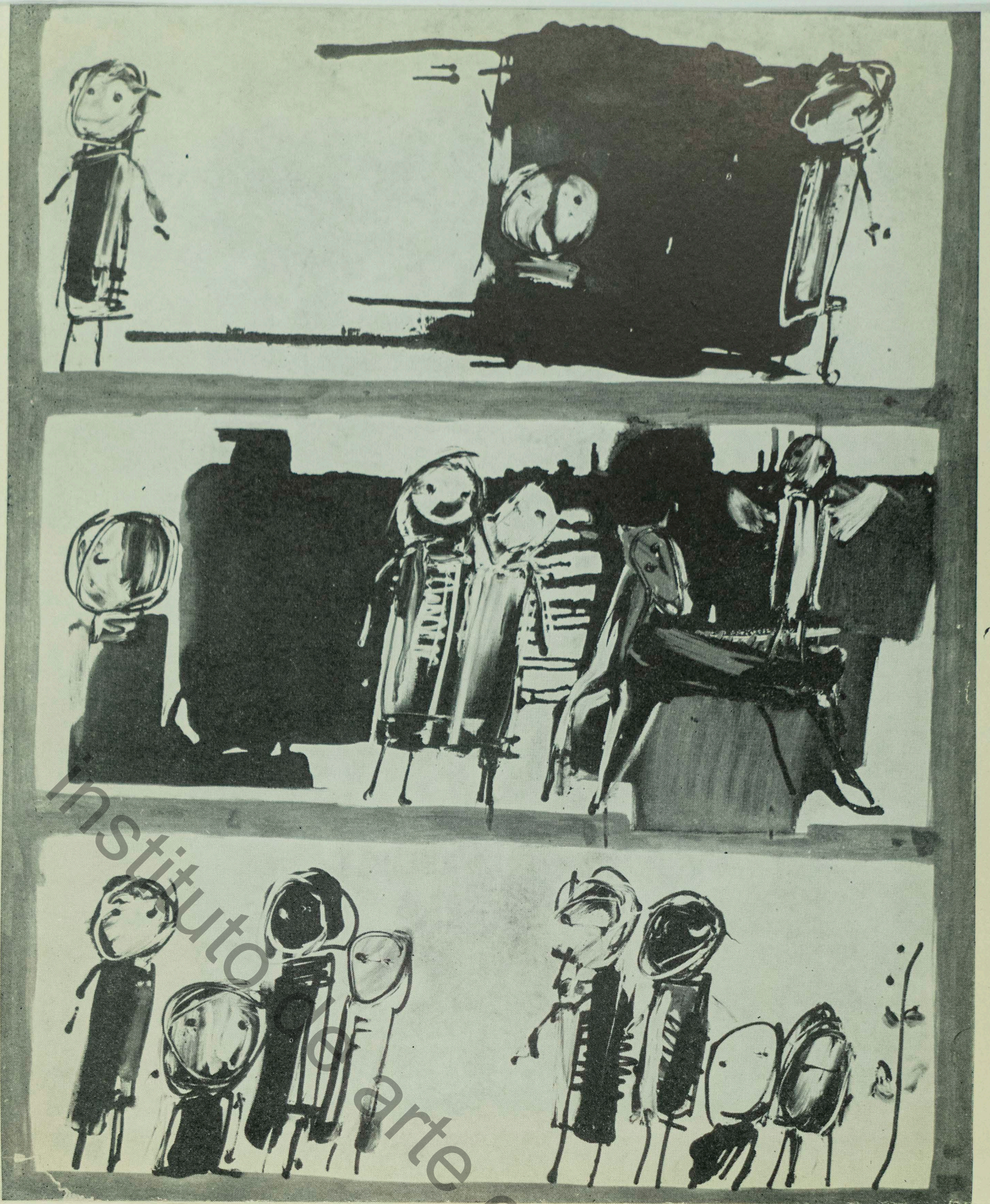


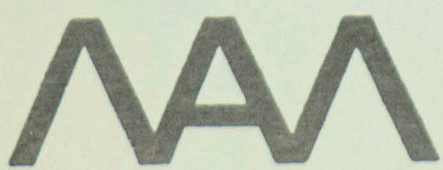
1965

opiniação 65

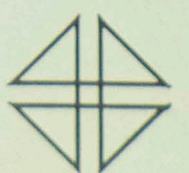
instituto de arte contemporânea



Instituto de arte contemporânea



exposição comemorativa do IV centenário
museu de arte moderna do rio de janeiro



"Opinião 65" é uma exposição de ruptura. Ruptura com uma arte do passado. O exemplo vitorioso da "pop art" americana e as realizações do novo-realismo europeu encontraram eco no jovem artista de vanguarda e encorajaram-no a contestar a famosa afirmação de Maurice Denis, sobre a qual se baseou a pintura abstrata, relegando esta à história.

Se a vanguarda artística mundial derruba assim os conceitos fixados durante tantos anos numa estética cômoda, é porque o artista hoje desempenhando um papel novo na sociedade, não aceita o tributo de uma tradição plástica caduca. A jovem pintura pretende ser independente, polêmica, inventiva, denunciadora, crítica, social, moral. Ela se inspira tanto na natureza urbana imediata como na própria vida com seu culto diário de mitos.

De minhas vindas últimas ao Brasil, constatei que um número crescente de jovens artistas brasileiros trabalha com o mesmo entusiasmo e espírito de pesquisa que o jovem artista europeu. Por essa razão resolvi reuni-los nesta mostra que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro tem a gentileza de acolher.

Para apresentar esses artistas brasileiros é preciso reiterar que se trata de gente jovem e que ser jovem é esperança para o país que se quer melhor, quando sua cidade mais linda comemora somente hoje os seus 400 anos!

Quanto à participação de artistas estrangeiros, ela representa aqui, na sua diversidade de temas, o exemplo típico de individualidades de origens distintas.

Se a máquina, em grande parte, já pode substituir o homem, o desejo do homem é de rivalizar com a máquina. Em 1930 Salvador Dalí, num excesso de lirismo e preocupação de subjuntivar a realidade, já falava em fazer "fotografias de sonhos pintadas à mão", utilizando para isso a técnica simples da pintura em "trompe-l'oeil".

Hoje temos Roy Adzak (inglês), que num rigor de execução, como "feito à máquina" e preocupação de objetivar a realidade, mostra-nos em seus desenhos em negativo, resolvidos tecnicamente com o "spray" industrial, a presença do objeto banal, cotidiano.

Continuando com um trabalho que somente a máquina poderia ter inspirado ao artista, Alain Jacquet (francês), utiliza o processo fotográfico de reprodução para a socialização da obra de arte. Sua versão moderna (1964) do "Dejeuner sur l'Herbe" (tirado em 100 exemplares) derruba a concepção de que uma obra de arte deve ser o exemplar único, de um só proprietário privilegiado. Com Jacquet cada exemplar é o original.

Gianni Bertini (italiano), é outro artista sensível ao processo de reprodução fotográfica sobre a tela. Únicamente, com ele, a obra resta o original único. Representado nesta mostra com obras de transição, seus "gouaches-collages" com figuras femininas emergindo do gesto nos permitem penetrar na misteriosa "bertinização da mulher".

Rubens Gerchman, inspirando-se da fotografia, assume o panfleto para encarar o problema do homem de rua, sugerindo-nos com a póse desajeitada dos jogadores de futebol os heróis de uma multidão em delírio.

Juan Genovés (espanhol), estampa sobre o papel, numa quase "mise en scène" cinematográfica, a humanidade angustiada dos grandes centros urbanos — o homem eternamente só e igual, perdido na multidão, carregando consigo sua tristeza metafísica e sua herança de morte. Antonio Dias, esse jovem paraibano de 21 anos, nos propõe com seus quadros de "assemblage" uma transfiguração do mundo obsessivo de sua infância, onde o sexo e o sangue se mesclam num grande escárnio. Sua técnica tem o rigor do cartaz e o equilíbrio das melhores construções cubistas.

Ivan Freitas, capta o tempo, deixando-nos como gravado na retina a imagem meio-abstrata da sedução noturna das cidades desertas com seus grandes planos de ruas iluminadas de reflexos coloridos.

Hélio Oiticica, fantasista com seus parangolés, cria uma arte tridimensional de participação, inspirada na tradição do folclore musical dos subúrbios cariocas.

Antonio Berni (argentino), representado aqui com gravuras da série "Ramona na Espanha", estimula a arte de "assemblage" de objetos rejeitados. Tal o "clochard" da rua Quincampoix, que vasculha nas latas de lixo na esperança de recuperar tesouros que mãos levianas, por ventura, houvessem abandonado, Berni, num desejo de justificação, viola as velhas arcas de nossas severas tias solteironas, catando o enxoval luxuoso para celebrar de quadro em quadro sua Ramona que a sociedade injusta relegou à triste profissão de meretriz.

Peter Foldès (húngaro), um dos primeiros artistas a introduzir a seqüência narrativa no mesmo quadro, utiliza a colagem e o desenho linear para melhor servir as suas histórias simples do homem que nasce, cresce, ama, luta, sofre e morre.

Pedro Escosteguy constrói escrupulosamente o circo, cujo maior espetáculo ninguém terá tempo de ver — a explosão da bomba atômica. Seu relêvo pintado de preto com dizeres irônicos tem o peso de uma profecia trágica e ameaçadora.

Com Daquino estamos ainda na fase negra, evitando o desastre coletivo, há, porém, sempre a ameaça individual — o câncer à espreita. O homem moderno, consciente de suas limitações, prefere o tabu, mas a jovem pintura vai desenterrar a cabeça da avestruz para mostrar o corpo inteiro, minado, doente, sem esperança.

Ivan Serpa e Valdemar Cordeiro guardam vestígios, nos seus trabalhos atuais, de uma experiência de arte concreta. O primeiro controla sobre a tela os elementos figurativos de seu semantismo lírico numa "mise-en-page" construída, geométrica. O segundo, num delírio barroco, se apodera dos objetos cotidianos, transformando-os, cortando-os implacavelmente com o serrote, para nos revelar através da linha reta o segredo interno desses mesmos objetos. Gastão Henrique aprisiona nos seus objetos um espaço sagrado, conseqüência de seus relevos anteriores.

Vergara, esse jovem pintor gaúcho revelado no último Salão Nacional de Arte Moderna, responde com o seu "general" preso entre o grafismo e a matéria, aos desenhos sobre o mesmo tema, do argentino Vañarsky. Ambos fascinados pelos heróis da nossa tumultuosa sociedade. Flávio Império e Gérard Tisserand (francês) nos aproximam, com a indiscreção de uma poderosa teleobjetiva, das janelas das habitações coletivas (São Paulo? Bagnolet? ou Alphaville?), onde o homem anônimo é surpreendido no pecado de seus gestos automáticos.

Para o muito jovem Angelo de Aquino, o interior dos símbolos simples se complica. O telefone, para ele, não é somente o esquema da comunicação, mas também um elemento plástico de emaranhamento de fios, peças, emoções e sons.

John Christoforou (inglês de origem grega), foi um dos pioneiros da nova-figuração. Sua crítica é sutil e quase velada. Num expressionismo rico de cores e matéria, suas personagens hieráticas, estilizadas, seus guerreiros estáticos, primitivos, são os ídolos ou tiranos de uma outra civilização ou lenda, não comprometendo assim a conveniência de uma sociedade burguesa.

Numa tentativa de moralização a jovem pintura acusa e defende o homem, simultaneamente: nas mãos de Michel Macréau (francês), ele é animal desmembrado, caótico; com Gaitis, é num mundo arcaico que ele busca o homem, não adulto ainda, mas criança dócil é ingênua; com Aguilar é grito profundo e contorsão; um herói de selo de carta com Roberto Magalhães; um monumento de tortura e humilhação com o espanhol José Jardiel... e a autopunição continua se perpetuando até chegar ao tempo em que o artista poderá, enfim, mostrar a verdadeira face, a face límpida do homem.

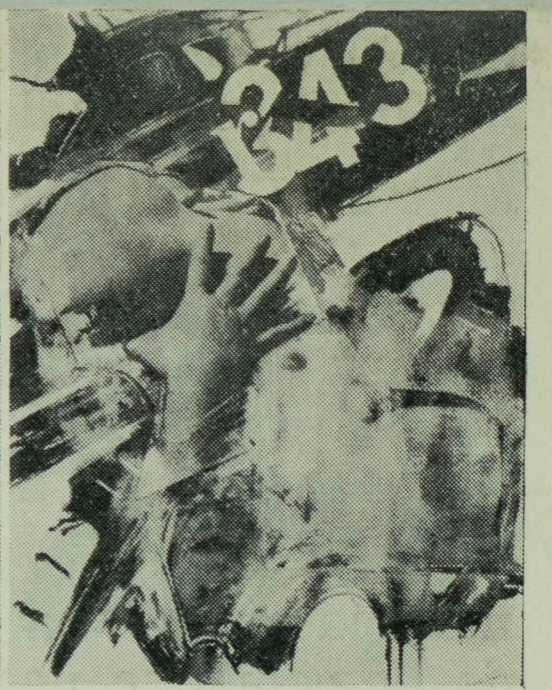
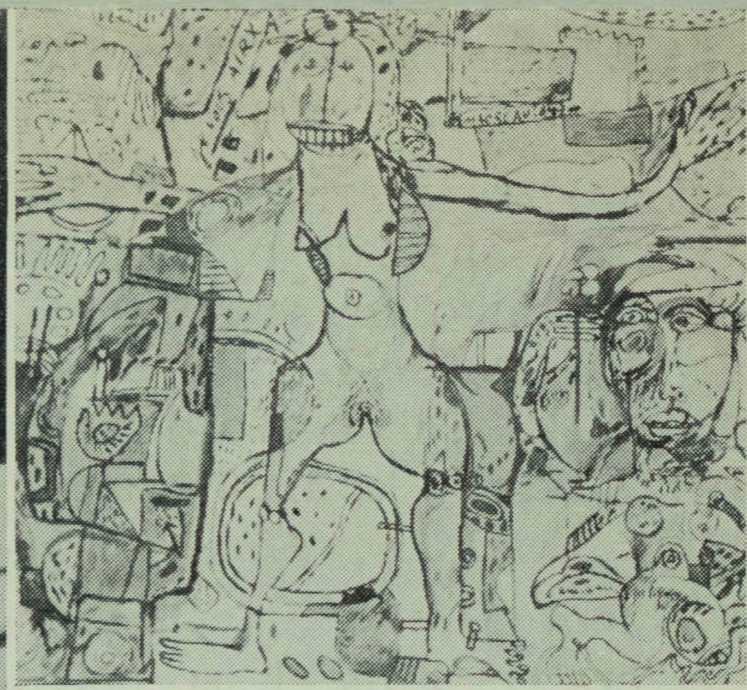
ceres franco



expositores

adzak
aguilar
ângelo de aquino (6)
antônio dias (2)
berni
bertini (5)
christoforou
daquino
escostéguy
flávio império (8)
földès (3)
gaitis (9)
gastão henrique
genovés
gerchman (7)
hélio oiticica
ivan freitas
ivan serpa (11)
jacquet (10)
jardiel
macréau (1)
roberto magalhães
tisserand
tomoshige
vañarsky
vergara (4)
vilma pasqualini
waldemar cordeiro
manuel calvo

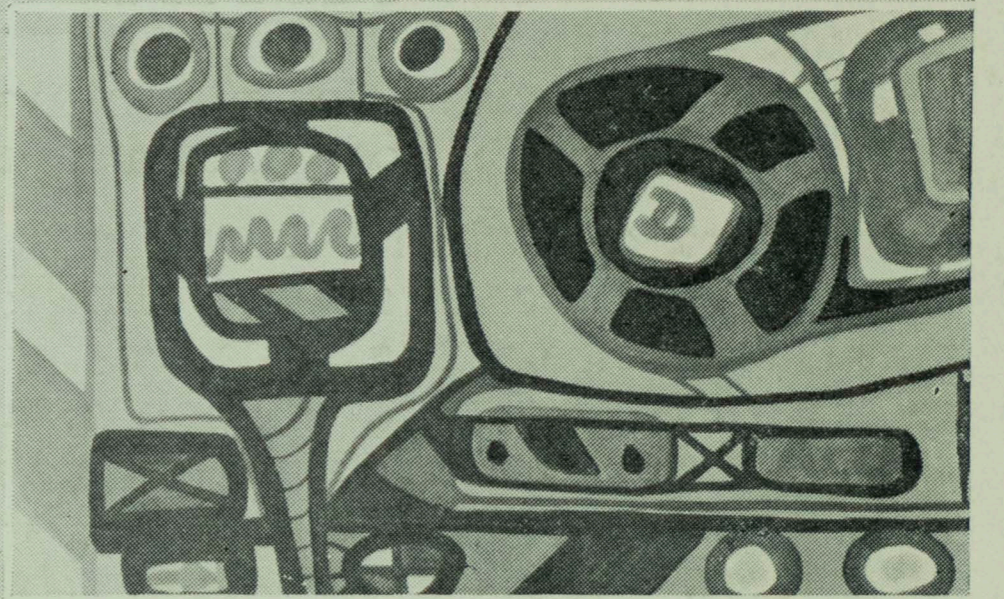




1

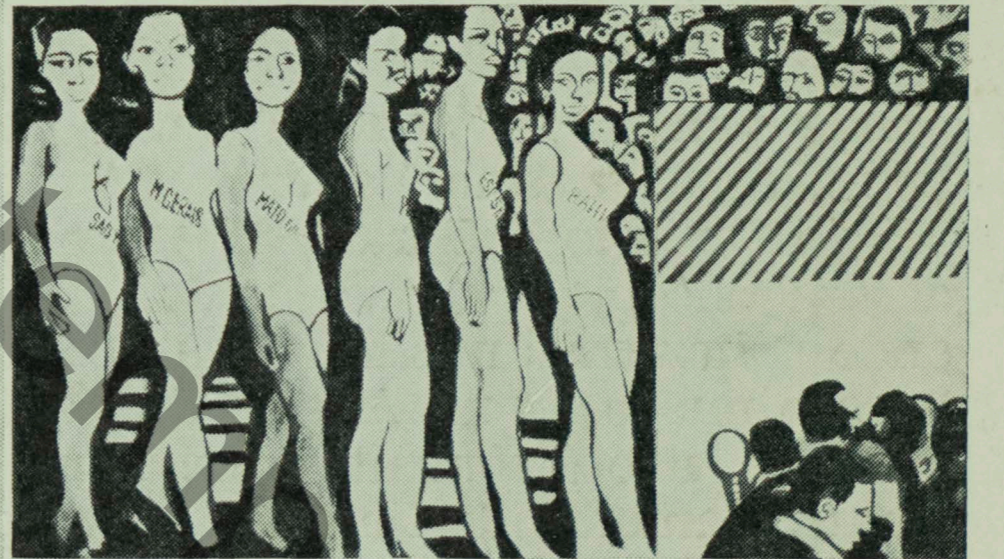
5

6



2

3



4

7

8

